

AUTOCONHECIMENTO E REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS RESILIENTES DOS PROFISSIONAIS DOCENTES

Karla Myllena de Aquino Gomes¹

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de compartilhar as reflexões obtidas a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de professores da Educação Básica, das escolas públicas municipais de uma cidade do estado do Maranhão, tendo como propositura, a resiliência, identidade e educação, com o intuito de conhecer e compreender o fenômeno da resiliência e sua relação com a identidade docente. Utilizou-se como metodologia a pesquisa de campo apoiada à fenomenologia. As técnicas desenvolvidas, bem como os recursos utilizados constam desde rodas de conversa, às dinâmicas em grupos. Tendo como referencial teórico-metodológico: Alarcão (2011); Antunes (2003); Esteve (1999); Mosquera, Stobäus (2006); Ralha-Simões (2001); Tardif (2014); Tavares (2001); Zeichner (1993), entre outros. Foram organizados 2 encontros com um grupo de 15 docentes. Houve dinâmicas de relação interpessoal que permitiram conhecer as experiências vivenciadas por cada participante. Originou-se na sequência, o autoconhecimento e posteriormente uma reflexão sobre os processos resilientes, tendo como focos principais, a construção e o fortalecimento das identidades pessoal e profissional.

Palavras-chave: Educação, Identidade docente, Resiliência, Autoconhecimento.

INTRODUÇÃO

A educação e sua diversidade apresentam oportunidades de desenvolvimento humano inquestionáveis. A missão da profissão docente vai além da transmissão do conhecimento, favorece e estimula o desenvolvimento cognitivo dos alunos, assumindo um compromisso com a formação humana. Educar implica em comprometimento e dedicação intensa. Mas também em condições dignas de trabalho.

Para Oliveira (2000, p.21), “as políticas educacionais apresentam-se assim na atualidade como políticas de desenvolvimento, no sentido em que buscam a formação da

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão –UFMA, Especialista em Psicolinguística, Graduada em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas e em Pedagogia pela Faculdade do Baixo Parnaíba –FAP, Professora da Educação Básica de Língua Portuguesa – SEMED, Chapadinha-MA, karlamillena2017@gmail.com;

força de trabalho, e ao mesmo tempo como políticas sociais, já que estão dirigidas à distribuição de renda mínima e à assistência”. O contexto apresentado pelo autor expõem as mudanças educacionais que demandam dos professores mais tempo, responsabilidade, capacidade para resolver problemas no ambiente escolar, reflexão da realidade coletiva e dedicação para atender as exigências.

A conflituosa relação entre o sistema educacional e as práticas docentes, ocasiona aos professores sentimentos desfavoráveis ao contexto educacional, comprometendo o equilíbrio da sua saúde física e mental. Devido às inúmeras exigências, as más condições de trabalho e algumas circunstâncias inesperadas tornam-se crescentes o mal-estar docente e o aumento do número de pedidos de afastamentos da sala de aula pelos profissionais, tendo em vista a falta de atitudes otimistas e positivas para enfrentar as adversidades oriundas do ambiente de trabalho.

O tema proposto para estudo, parte da observação de como se dá o processo de resiliência nos profissionais docentes, na relação sujeito-objeto pesquisado e sua autorreflexão frente a essas adversidades, que vem como contrapartida, como um mecanismo que apresenta indivíduos com capacidades de superar obstáculos e a recomporem-se mediante as desventuras do cotidiano.

A pesquisa de campo apoiada na fenomenologia, cujas técnicas e recursos utilizados compreenderam 2 (dois) encontros com um grupo de 15 profissionais docentes, atuantes no Ensino Fundamental, em uma cidade do estado do Maranhão, estabelecendo como forma de apresentação, uma dinâmica que geraria no primeiro momento uma relação interpessoal, originando na sequência o autoconhecimento e posteriormente uma reflexão sobre os processos resilientes, tendo como focos principais, a construção e o fortalecimento das identidades pessoal e profissional.

MUNDO DO TRABALHO E TRABALHO DOCENTE

A escola, por ser um ambiente de desenvolvimento coletivo e social, deve reagir como conciliadora das relações de conflito existentes, podendo assim estimular atitudes inovadoras que contribuam para o bem-estar da saúde dos seus profissionais, facilitando o processo de enfrentamento das dificuldades.

De acordo com Souza et al. (2003, p. 152):

Até os anos de 1960, a maior parte dos trabalhadores do ensino gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de certo prestígio social. Já a partir

dos anos de 1970, a expansão das demandas da população por proteção social provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, entre eles a educação.

Apesar de o sistema educacional depender do perfil do profissional para se estabelecer, perduram ainda as más condições de trabalho desses profissionais. Uma realidade obstante e pertinente até os dias atuais.

Segundo Vicentini e Lugli (2009, p. 124), “a insatisfação dos docentes frente aos seus salários foi mencionada publicamente no final da década de 1950, portanto, anterior ao Regime Militar. Não havia homogeneidade no pagamento dos salários dos professores, sendo constatadas variações salariais entre municípios”.

Diante dessa situação, a problemática abrange a má qualidade do ensino e a desvalorização do profissional docente que de uma forma geral resulta da sua própria história, envolvendo fatores políticos, econômicos, culturais e sociais. O que se percebe, é o reflexo do sofrimento relacionado à carga horária, as más condições de trabalho dos docentes e seu elevado índice de adoecimento.

Além do seu papel de ensinar, o professor realiza diferentes atribuições comuns à sua profissão, como o planejamento escolar, participação na gestão, atendimento à comunidade e, também outras que são extensivas ao seu ambiente familiar, ocasionando uma jornada de trabalho extra, realizada fora da escola.

Tardif (2014, p. 56) problematiza a questão da construção de identidade profissional e afirma que “[...] o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo consigo mesmo”.

O autor expressa-se sobre o professor, como um sujeito que, ao elaborar seu planejamento e mediar às práticas educativas ano após ano, não está apenas fazendo alguma coisa, mas está construindo algo de si mesmo, consigo mesmo e “[...] sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional” (TARDIF, 2014, p. 56-57).

O processo de olhar para si mesmo e agregar sentido as atitudes do pensar para ser e fazer pode provocar inconsistências e desestruturação de personalidade em algumas pessoas. As fragilidades pessoais diante das dinâmicas da vida podem gerar organismos diversificados, não se permitindo questionamentos pessoais.

O processo de se expor externa e internamente aos questionamentos exige uma determinada coragem e disposição para o amadurecimento. Para algumas pessoas, esta

transição pode ocorrer de forma suave e natural e para outras se manifesta de forma um pouco mais dolorosa.

É importante ainda mencionar que, se compreende a identidade docente como algo em movimento. Isto significa que não se pode entender a identidade como algo rígido, imutável e estático. Sem dúvida, há pessoas que enclausuram a sua identidade não permitindo influências, nem novos desafios. São formas de se proteger de dificuldades, enfrentar os problemas e conviver com o novo.

Ser docente é aprender a lidar com o imprevisto. Assim, pode-se dizer que se atinge a maturidade docente quando se consegue conviver com o mundo das incertezas sem criar traumas e dramas e se desenvolve a versatilidade e agilidade mental para lidar com as situações imprevistas no contexto escolar e com os dilemas existenciais de si próprios e dos que os cercam.

SAÚDE E MAL - ESTAR DOCENTE

Atualmente inúmeras pesquisas estão voltadas para entender o porquê da fragilidade da saúde dos docentes, utilizando-se do termo mal-estar para expressar os “efeitos negativos de caráter, que afetam a personalidade do profissional docente, como resultado das condições psicológicas e sociais que se exercem na docência e que concorrem para ela”. (STOBÄUS, MOSQUERA, SANTOS, 2007, p. 263)

O estudo sobre as condições de trabalho e de saúde dos docentes permite traçar o perfil desses profissionais, sua identidade, identificando os processos laborais, associando os problemas de saúde às atividades desempenhadas.

Para Esteve (1999, p.78), as consequências que causam mal-estar docente de acordo com estudo qualitativo realizado, apontam:

1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar;
2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal no trabalho realizado;
3. Pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflitivas;
4. Desejo manifestado de abandonar a docência (realizado ou não);
5. Absentismo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada;
6. Esgotamento. Cansaço físico permanente;
7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa;
8. Estresse;
9. Depreciação do ego. Autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar a educação;
10. Ansiedade como estada permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental;
11. Neuroses reativas;
12. Depressões.

Cabe ressaltar que, o conceito de mal-estar é confundido muitas vezes com o de estresse. Neste sentido, o autor registra as etapas que caracterizam o mal-estar docente, apontando as fontes causadoras do sofrimento desse profissional.

Como manter-se disposto e disponível frente às más condições de trabalho, aos espaços em grande parte inadequados, num período onde se ofertam salas de aula repletas de alunos com diferentes faixas etárias?

Tais condições inadequadas de trabalho e as circunstâncias advindas dessas condições afetam suas capacidades cognitivas, físicas e mentais, sobrecarregando suas funções psicológicas e fisiológicas, que se não tratadas, podem desencadear sintomas clínicos que causarão o afastamento dos docentes das suas funções laborais.

Baseado em um novo ritmo e em cotidianas mudanças ocorridas na sociedade, os docentes acabam por incutirem novas exigências, gerando conflitos que traduzem os desafios enfrentados diariamente, para um ambiente cheio de expectativas e disputas acirradas, muitas vezes acima das suas possibilidades, ocasionando o aumento do número de pessoas excluídas e patologias diversificadas.

A resiliência se apresenta no indivíduo quando ele, confrontado com situações de adversidade, manifesta-se capaz de reconhecer as dificuldades, atribuindo-a novas significações, transformando-as em ações positivas e resignificando a si próprio.

Ressalta-se que, o processo de resiliência não é algo natural e que se manifesta espontaneamente nas pessoas. Ela é um processo que se desencadeia em crises geradas por ansiedades e angústias oriundas de todos os campos existenciais.

O termo resiliência é característico das áreas da Engenharia e da Física, tendo como um dos principais estudiosos, Thomas Young, que durante pesquisa, identificou a capacidade de determinado material ser acometido por fortes impactos e logo após retornar ao seu modo original. Este versa também, sobre pesquisas voltadas para a construção e práticas adotadas por indivíduos que buscam recuperar-se de problemas advindos de diferentes áreas.

Do ponto de vista etimológico, a palavra resiliência deriva-se do latim *resiliens*, que tem como significação, saltar, recuar, romper, dando a ideia de elasticidade e capacidade de recuperação de acordo com a origem inglesa.

O estudo sobre resiliência iniciou-se em meados dos anos 50, com durabilidade de 40 anos de pesquisa. Atualmente, o tema contempla áreas distintas, compreendendo dois fatores: o de proteção, onde se revertem positivamente circunstâncias que se predispõem a resultados negativos; e o de risco, caracterizado pelo aumento da probabilidade de não adaptação dos

sujeitos, frente às situações aversivas, identificando que para cada fator de risco, há um fator correspondente de proteção.

Diante dessa observação, outras áreas, principalmente a Psicologia apropriaram-se do termo para representar e compreender os aspectos característicos de situações traumáticas a que são acometidos todos os indivíduos, inclusive os profissionais docentes.

Faz-se presente também na educação, por interessar aos educadores que as pessoas podem desenvolver capacidades de superação, maiores ou menores, e voltarem ao seu estado original depois de um período tenso. Sendo que esse retorno possa vir com alguma sequela que é o resquício deixado pela exposição do indivíduo às situações traumáticas.

A teoria da resiliência constituída por Assis (2005, p. 7) demonstra que:

[...] a mesma não é um atributo que nasce com o sujeito, mas sim uma qualidade que nasce da relação da pessoa com o meio em que ela vive; e que pode fortalecê-la para superar as dificuldades e violências vividas. Desta forma, a resiliência pode ser trabalhada e estimulada por qualquer grupo social ou instituição escolar, comunidades, profissionais, famílias.

Corroborando com o pensamento e a reflexão de Assis, constata-se mediante análise que, a experiência docente pessoal desencadeada pelo tempo de trabalho exercido não transforma apenas a identidade do profissional, mas também, todo um conjunto de elementos que se agrupam no contexto em que o indivíduo exerce a docência. Percebe-se que, indivíduos que desempenham a docência durante muitos anos em um mesmo recinto educativo, adquirem linguagem idêntica e típica do contexto em que está inserido. Nessa mesma proporção, alinham-se a linguagem a construção e organização das reflexões, os relacionamentos sociais e até as referências teórico-práticas.

Ralha-Simões (2001,p.98) descreve a resiliência como “uma suposta invulnerabilidade inexplicável, decorrente das estratégias diferenciadas pertencentes ao nível da construção de significado pessoal de cada indivíduo”.

Indicar ou identificar como se dá o processo de resiliência nos docentes é caracterizado pelo fator de que o profissional pesquisado trata-se de um ser humano que está vulnerável às adversidades, e mesmo que tenha desenvolvido condições para enfrentar tais situações, não saíra ileso. É tida como a capacidade de retornar ao estado original, mas não um retorno totalmente ileso.

De acordo com Antunes (2003), “para que haja o desenvolvimento de competência, habilidades e estratégias para o fortalecimento dos sujeitos resilientes no ambiente educativo,

é essencial privilegiar o presente, o aprender a aprender abrindo-se, assim, um leque maior de mecanismos de proteção”.

Baseado nas informações de Antunes, esses mecanismos de proteção são encontrados no próprio ambiente de trabalho, caso a escola seja transformada em um recinto resiliente que possibilite a mudança dessa realidade.

Considerando ainda o contexto de trabalho, pode-se dizer que: as temeridades podem ser representadas pelas situações de conflito, pressão e transformação presentes no meio organizacional; e as estruturas de proteção se apresentariam, não somente como consequência das características pessoais dos trabalhadores, mas também das condições do meio, em termos de suportes social, com o envolvimento dos colegas de trabalho; organizacional (fornecido pelo sistema educacional, relacionado a infraestrutura material), dentre outras situações.

O processo de resiliência no ambiente escolar facilita a transformação das condições de vida tanto pessoal quanto profissional, não só dos professores e alunos, como também de todos os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar.

CIRCUITO FORMATIVO DE RESILIÊNCIA

O circuito formativo de resiliência, em seu primeiro encontro com os profissionais docentes, na realização da técnica de nº 1, foram utilizadas fichas de diferentes formatos, com palavras diversas como recurso para apresentação de si ao grupo e uma caixa cofre que guardava algo valioso, como um tesouro escondido. Na sequência, a 2ª técnica utilizada foi a do espelho, representando simbolicamente a imagem do participante enquanto docente, com intuito de promover aos participantes o autoconhecimento e a autoimagem.

No primeiro encontro, a resiliência se apresentou como um processo de significação e (re) significação quanto à inquietação acerca do “ser e do estar” docente, tornando-se visível e problematizada. A partir disso, a reflexão foi sendo revisitada, criando a possibilidade de uma nova reflexão, a partir desta primeira.

Iniciou-se o segundo encontro com o resgate das reflexões anteriores. A partir deste momento realizou-se a técnica de nº 3, onde eles apresentaram uma sequência de palavras pela escala de importância, das quais representavam o que havia sido trabalhado antes. A proposta era oportunizar o embrenho pelas reflexões apresentadas nas técnicas anteriores, a exposição das novas reflexões, como alternativas para a reconstrução do anseio de seguir em frente.

As novas reflexões expostas originaram a autorreflexão que acendeu a autopercepção, permitindo praticar a autorregulação para o exercício saudável e eficiente da função docente. A identidade docente fortalece o sentido da própria prática e da relação intrapessoal provocada por si mesma, estabelecendo autonomia no exercício de sua função, numa circulação reflexiva e dialética. A identidade docente uma vez fortalecida acondiciona de forma significativa um ambiente escolar resiliente, promovendo e gerindo sua expansão para toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, ao flexibilizarem-se no tocante às reflexões a cerca do pensamento que eles tiveram sobre si e da relação que estabeleceram com suas práticas, cultivaram um processo de amadurecimento, revelando a si próprios a essência da capacidade de transformarem-se, insurgindo suas diferentes faces, fortalecendo suas identidades docentes, contribuindo assim para as suas ascensões profissional e pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências vivenciadas no circuito formativo de resiliência, percebeu-se que, os docentes fizeram uma releitura das suas vidas, no que corrobora aos papéis desenvolvidos no campo pessoal e profissional, desenvolvendo e formando sentidos próprios ao que observam, falam e sentem, de caráter conciso ou irrefletido, entusiasmado pelo *habitus* pessoal.

O teórico Pierre Bourdieu reflete sobre o conceito de *habitus*, problematizado por Philippe Perrenoud (2001a, p. 162) explicando que: “[...] é constituído pelo conjunto de nossos esquemas de percepção, de avaliação, de pensamento e de ação”. Para ele, essa conjuntura é formada pela estrutura social, baseada nas experiências adquiridas pela convivência na sociedade e a interação de novos sujeitos, bem como os ambientes compartilhados.

As observações realizadas pelas técnicas utilizadas apresentaram resultados que para uns, algumas situações representaram tensão, conflito e frustração, para outros significaram desafio, motivação e conquista.

Identificou-se a resiliência nos participantes, a partir do instante em que os profissionais docentes reconheceram e identificaram a necessidade de buscar novos sentidos para enfrentar as dificuldades geradas, provocando e estimulando uma (re) significação das suas limitações reconhecidas que foram pautadas nas fragilidades expostas, o que impulsionou o fortalecimento da sua identidade.

O autoconhecimento, alinhado a autopercepção e a autoestima permitiram que a relação sadia e serena com a função docente acontecesse de tal maneira que, as tomadas de decisão para enfrentamento das adversidades não gerassem apreensão e tão pouco impedissem o desenvolvimento das suas atividades.

Compreende-se a resiliência como algo em constante desenvolvimento, o que requer aprendizado cotidiano e, o sentimento da expectativa pela possibilidade de reflexão dos profissionais docentes quanto ao processo de construção e fortalecimento da sua identidade. Contudo, a identidade resiliente do profissional docente ocorre, a partir da relação profícua estabelecida consigo mesmo, ocasionando a transformação no aprendizado do seu próprio ofício.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da nossa época, 8).

ANTUNES, Celso. **Resiliência – A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente. A sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: Edusc, 1999.

GASPARINI, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. **O professor e as condições de trabalho e os efeitos sobre a saúde**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p 189-199, maio/ago, 2005.

MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus D. **Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação**. Educação, Porto Alegre, ano XXIX, n. 1, p. 123-133, jan/abr. 2006.

OLIVEIRA, D.A. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERRENOUD, Philippe et al. **Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas**. In: PAQUAY, Léopold et al. (Org.). **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001b. p. 211-223.

RALHA-SIMÕES H. **Resiliência e desenvolvimento pessoal**. In: Tavares J, organizador. **Resiliência e educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2001. p. 95- 113.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TAVARES, José (Org.). **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

VICENTINI, Paula P.; LUGLI, Rosario G. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa, 131 p, 1993.